

PEQUENAS TIRANIAS



Aline Valek

PEQUENAS TIRANIAS

Aline Valek

ÍNDICE

Créditos	4
Prefácio	6
Ossadas no quintal	10
O dia em que o workaholic parou	42
Segunda	59
Você ainda está aí?	82
Euzinha	85

CRÉDITOS

***Copyright © 2015 - Pequenas Tirantias
Todos os direitos reservados.***

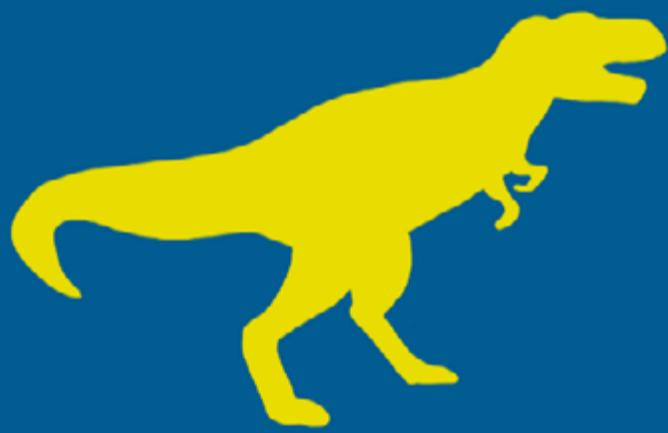
***Uma publicação independente de Aline Valek
alinevalek.com.br***

Capa
Marcos Felipe

Revisão
Ana Carolina Borges

Prefácio
Olivia Maia

Diagramação
Aline Valek



PREFÁCIO

Contos fantásticos: é o que talvez diria um leitor mais desatento que terminasse pela primeira vez a leitura dessas três breves narrativas.

Ora: dinossauros no quintal!

Aline Valek, no entanto, não veio aqui discutir questões de relevância paleontológica.

Os contos presentes neste livro nascem do cotidiano que conhecemos: o hábito, o trabalho, a espera pela sexta-feira. É preciso simpatia para com os vizinhos, eficiência para destacar-se no mundo do trabalho, paciência enquanto a vida não é aquilo que queríamos que fosse. O senso comum grita suas pequenas tiranias, e é nas entrelinhas desse dia-a-dia que a autora nos sugere um novo olhar sobre ele. A linguagem direta e familiar subverte a ordem do conhecido: o orgulho por um jardim bem cuidado ou a necessidade de esconder dos vizinhos um dinossauro — vivo! — recém-descoberto entre as plantas; o narrador segue adiante indiferente, e o absurdo se dissolve nas prioridades ditadas pela sociedade.

Essa linguagem, assim, faz gritar o que o hábito esconde: os absurdos da vida em sociedade, de nossos costumes e regras, de tudo o que fazemos e dizemos sem

nos perguntar por quê.

Porque entregar-se a um hábito sem perguntar suas razões é entregar-se também à sina da repetição despropositada. Mais que isso: seguir um caminho sem perguntar por que segui-lo é correr o risco de aceitar um caminho autoritário, agressivo. Se esse é o rumo das personagens deste livro, é o tom neutro da narrativa ao lidar com o suposto exagero — o *fantástico*? — que faz desconfiar que a autora não está aqui para sugerir precaução com ossadas de dinossauros ou dores incomuns nas costas.

Da sutileza dos dois primeiros contos, então, você depara a sinceridade do terceiro, e último, conto do livro. O crescendo que se inicia com uma senhora de interior preocupada com seu jardim e a opinião da vizinhança desliza para o sofrimento de um eficiente executivo perturbado por uma dor nas costas incomum, e enfim é como se Aline Valek lhe tomasse pela gola da camisa — principalmente se você estiver usando uma camisa — e lhe desse alguns tapas: o que você fez com sua semana para depositar tanto ódio na inocente segunda-feira?

Quem decidiu suas prioridades?

As tiranias neste livro não são tanto *pequenas* como pode parecer a princípio. Estão terrivelmente ligadas à estranha lógica dessa sociedade do trabalho, do consumo, do poder: uma ditadura de prioridades distorcidas. Não se trata afinal de *certo* ou *errado*, e sim de escolha: não questionar é renunciar à responsabilidade das próprias

escolhas e submeter-se à tirania do cotidiano, das opiniões alheias. Não questionar é culpar o outro — o clima, um prazo, um dinossauro no quintal ou um dia da semana — pelo próprio destino e imobilidade.

Questionar é, portanto, a primeira escolha necessária, e é isso que nos oferece este livro: espaço para questionamento.

Olivia Maia

Berlim, agosto de 2015.

“I tried to live the dream. I tried to have a job, a girlfriend, another job, and I failed. But the good thing about the American dream is that you can just go to sleep and try it all again the next night.”

Michael Scott

OSSADAS NO QUINTAL

Bamboleando entre os corredores do supermercado, o carrinho era praticamente um míssil teleguiado com destino certo, uma rota que ele saberia de cor se tivesse alguma consciência, e não fosse apenas metal e rodas. Guiado pelas mãos de Teresinha, ele até poderia passar pela seção de cereais, hortifrúti e biscoitos; mas era a seção de carnes sempre a primeira parada.

Parou diante da vitrine e esticou os dois pezinhos, pois muito baixa, e já uma senhora, então se debruçou no balcão de forma a ser notada pelo atendente do açougue, a quem iria pedir dois (não, três) quilos de patinho. Ou melhor, acém.

"Moído, dona?" ele perguntava, movido pelo hábito de atender àquela senhora que curiosamente pedia para moer tudo; não porque se importasse ou colocasse naquela pergunta alguma preocupação em ser atencioso, mas por pura reação automática, como a do carrinho a ser empurrado ou a do leitor de código de barras fazendo pi atrás de pi.

E ela responderia "sim, moído, por favor", o que até poderia fomentar algumas especulações indelicadas na cabeça do açougueiro, "deve ter dificuldades de mastigar,

coitada. Vai ver é por causa da dentadura", mas eram questões não levantadas porque o moço simplesmente estava entediado demais para se importar com uma cliente que pedisse toda aquela carne moída.

Mas daquela vez ela demorou a responder. Apoiou o dedo indicador sobre os lábios, a ponta roçando no nariz, e seus olhinhos analisando os pedaços de carne por cima dos óculos, como quem pondera sobre uma questão muito importante, da qual pode depender sua vida. Talvez já não precisasse moer, talvez o problema fosse justamente a textura da carne moída, talvez o que ela precisasse fosse uma carne fibrosa, mais consistente ao mastigar. Dessa conclusão surgiu o estalo que fez Teresinha finalmente se decidir e pedir "não, não! A peça inteira, por favor."

Entre suas anotações mentais de levar um quilo de linguiça para garantir, caso sua escolha mais tarde se provasse inadequada, calculou que levaria mais dois quilos de coxão duro – pedido que verbalizou enquanto o atendente metia o acém numa sacolinha.

Naquele dia, Teresinha não poderia levar mais nada que precisasse em casa, porque já era peso o suficiente para ela carregar sozinha em suas sacolas retornáveis – um dos pequenos inconvenientes de sua nova rotina. Era carregar toda aquela carne, mas também cuidar para que ninguém percebesse aquele consumo um tanto incomum, e que só tenderia a aumentar. Para disfarçar, foi até a seção de higiene e catou o primeiro shampoo que viu pela frente,

um anti-caspa com cheiro sem graça, mas tinha que servir, já que nem de shampoo ela precisava no momento. Só não queria levantar suspeitas na hora de passar no caixa, porque cidade pequena, sabe como é, o povo fala.

Logo se provou um erro ter escolhido a seção de higiene para buscar um álibi, se Seu Messias estava parado no corredor ao lado quando Teresinha passou. Ele a cumprimentou, mas poderia ter sacado uma arma que daria na mesma; Teresinha ficou tão nervosa pega de surpresa justamente pela última pessoa que gostaria de ver naquele lugar, ainda mais com um carrinho carregado de carne, que ela pulou para trás como se atingida por um tiro.

Que diabos, tanto lugar para aquele careca transitar no supermercado e ele tinha que estar logo no corredor de shampoos, era mesmo muito azar.

"Está melhor, dona Teresinha?", o homem perguntou cordialmente e Teresinha ainda estava se recuperando do susto pelo encontro inesperado, o que acabou lhe custando mais alguns segundos até que aquela pergunta penetrasse o seu crânio e ela entendesse do que ele estava falando. Claro, ele estava perguntando da intoxicação alimentar que ela nunca teve, mas que disse ter para não precisar comparecer ao churrasco de domingo que Seu Messias promovia na vizinhança. Não que fosse a primeira vez que tivesse arranjado uma desculpa para se esquivar daquele compromisso, o que àquela altura a tornaria uma medalhista nas olimpíadas das desculpas para não aparecer

em encontros, mas o nervosismo da ocasião fez a voz de Teresinha escorregar a resposta pela sua língua de maneira desajeitada.

"Estou ótima! Um final de semana quietinha em casa bebendo água e já foi o suficiente. Na segunda acordei cem por cento." O homem recebeu a risada simpática (mas, no fundo, sem graça) de Dona Teresinha com um aceno de cabeça sincronizada com o seu "oh, que bom, que bom", enquanto lia o rótulo de um desodorante por cima de seus óculos. Talvez não houvesse prestado atenção o suficiente em Teresinha, o que a fez pensar que era o momento certo de se retirar, alegando pressa, um prazer encontrá-lo, lembranças à esposa, até mais tarde, vou indo, aproveitar que a fila do caixa não está tão grande, tchau tchau, beijo.

"Até mais, dona!", ele respondeu e acrescentou, quando ela já estava de costas, empurrando o carrinho, resoluta, com o barulho do metal e das rodas embalando seu passo: "espero que toda essa carne não seja para fazer um churrasco. Não vá virar minha concorrente, hein!" O he he he dele puxando um ha ha ha dela, longínquo e sufocado por uma preocupação que felizmente não era possível sondar nem daquela distância nem de mais perto, a um muro de distância, que era o que separava a vida de Seu Messias da dela. No gracejo do vizinho, dona Teresinha se entregou a um alívio momentâneo: pelo menos ele não desconfiava de nada.

•••

Se quisermos entender dona Teresinha apropriadamente, precisamos lançar um olhar demorado sobre seu jardim. O gramado bem cuidado de onde brotavam aqui e ali suas hortênsias, roseiras e margaridas podia ser considerado uma representação mais fidedigna de sua identidade do que a foto 3x4 que ilustrava seu documento. Era uma face tranquila e previsível, pois era verde e apenas verde, sem nada que brotasse fora do controle de sua dona, um gramado que não era nada além do que se esperava de um gramado e isso era o suficiente. As plantas ocupavam suas posições muito satisfeitas com o lugar de cada uma no grande esquema do jardim, afinal, eram plantas e não se esperava que ficassem inquietas ou pretendessem mudar de lugar. Assim, tudo obedecia a uma ordem tão equilibrada quanto uma senhora que podia se orgulhar de não ter se envolvido em nenhum grande escândalo; uma ordem fixa, como a de quem escolheu estabelecer-se numa cidade e ali viver por muito tempo; uma ordem em que os elementos não entravam em conflito, como uma vizinha que não causava problemas, não colocava o som alto e se alegrava ao cumprimentar os moradores da rua pelo bem da convivência.

Além disso, havia algo na jardinagem que caía muito bem em Teresinha; quem sabe a simplicidade e a calma que envolvia o ato de cuidar da terra, alimentar as plantas, podar seus galhos e plantar novas sementes – ou talvez

fosse o avental e o chapéu de jardineira que lhe acentuassem os traços simpáticos do rosto. Era uma atividade que ela encarava com verdadeiro prazer, e às vezes nem colocava as luvas, apenas para sentir seus dedinhos cheios de pintas entrarem na terra e sentirem, naquela umidade, o anseio das raízes pela vida.

Havia um diálogo ali, não só porque adubo, pás, galhos e folhas eram a linguagem que Teresinha utilizava em casa, especialmente aos sábados, ajoelhada na grama metendo a mão em húmus e arrancando ervas daninhas, mas também porque Teresinha gostava de conversar com suas plantas e até com pequenos insetos e minhocas que habitavam aquele seu mundo particular – porque alguma insensatez no meio de sua vidinha tão correta ela devia se permitir.

Teresinha não era casada, nem tinha filhos. Isso podia fazer com que sua casa parecesse monótona, silenciosa, e sua vida um tanto solitária, mas ela não se via incompleta nem quando a força dessas obrigações sociais caíam sobre seus ombros: pensando bem, seu jardim não lhe dava desgosto e ela já não se achava mais na idade para lidar com dramas e complicações. Seu jardim já estava de bom tamanho, obrigada. As flores, o pé de manga, o tomateiro. As samambaias, o boldo. A pequena horta, com salsão, cebolinha, pimentas e alface. Para quê filhos ou um homem, que servissem para Teresinha contar vantagem para vizinhos e colegas de trabalho, se as plantas que cultivava

em seu quintal eram seu maior orgulho?

Um jardim também exigia muito pouco: sol, água, no máximo um pouco de adubo e manutenção. Teresinha não podia imaginar algo que melhor se encaixasse em seu estilo de vida; tão pouca cobrança era exatamente aquilo que precisava para preencher seus dias e aguardar a aposentadoria que viria em poucos anos – quando ela finalmente poderia se dedicar integralmente aos seus projetos pessoais, que no momento resumiam-se aos arbustos, árvores e flores deitadas sobre o gramado.

Se ficarmos parados diante da porta da cozinha, na soleira que dava para o quintal nos fundos da casa, exatamente na mesma posição de onde Teresinha costumava observar seu jardim em manhãs de sol, apenas ficarmos parados lá e nos movermos um pouco no tempo, veremos folhas mastigadas, terra revirada, flores pisoteadas em um cenário que, do verde vibrante e da calma ordeira de outros dias, foi para o verde tragédia.

O que aconteceu ao mundo perfeito de dona Teresinha? Que tipo de catástrofe se deu que atingiu não a cidade, o bairro ou sua rua, mas aparentemente apenas os fundos de sua casa, justamente onde ela cultivava seu pacífico jardim, um jardim que nunca fez mal a ninguém, um jardim que não merecia tamanha violência?

Teresinha chegou ao ponto de concluir que era inútil revisitar mentalmente o passo a passo de suas ações e tentar descobrir o que ela fizera de errado, se era uma

pessoa tão correta e tão amável, incapaz de atrair inimigos ou sair do roteiro, onde perigosamente se defrontaria com o infortúnio que espera os imprudentes. No entanto, lá estava seu jardim destruído e esse não era nem o maior dos seus problemas. Talvez devesse admitir que sua nova rotina e suas novas obrigações era tudo o que poderia fazer da sua vida naquele momento – e aceitar, a contragosto, que nem o fato de ser uma senhora muito decente e inofensiva a livraria das grandes merdas inexplicáveis da vida.



Quando foi? Em meados de março, ela tinha quase certeza. Suas margaridas haviam florescido na época e isso era quase tão eficiente quanto olhar para o calendário.

Nunca dava para saber quando uma coisa assim poderia acontecer. Nem olhando no horóscopo, aquelas quatro linhas escritas para o seu signo, cuidadosamente calculadas e planejadas de acordo com estrelas dispostas no céu de um jeito bem peculiar, nem ali era possível encontrar uma previsão que adiantasse tamanho infortúnio. Também não era na previsão do tempo ou nas sempre certas especulações dos vizinhos mais fofos a respeito da vida alheia. Muito menos no Jornal Nacional ou num livro didático da quarta série. Nenhum desses meios ajudaria a descobrir quando um treco desses poderia acontecer.

Ainda era março, e por esse motivo Teresinha saía da escola tão despreocupada. Ela não imaginava. Mesmo sendo

uma bem informada leitora de horóscopo, uma assídua telespectadora do Jornal Nacional e alguém por dentro da previsão do tempo e da pauta dos vizinhos intrometidos, ela não estava informada e precavida o suficiente para o momento em que finalmente – e fatalmente – aconteceria com ela.

Os livros didáticos talvez fossem de alguma ajuda, se é que algo a pudesse preparar para isso, mas ela não os lia há anos. Ela os manuseava eventualmente, é verdade, mas porque trabalhava como secretária em uma escola municipal na cidadezinha que escolheu para viver. Uma cidade quase tão pequena quanto aquela de interior onde nasceu e cresceu, com a diferença de ali haver mais semáforos e um shopping a menos de 1 km de sua casa.

Sua casa – para onde ela voltava depois do seu expediente, que terminava sempre pontualmente às 18 horas – ficava em um bairro afastado e calmo, a cinco pontos de ônibus de distância da escola onde trabalhava. Professor Ubaldo Terêncio Lima, era o nome da escola, em homenagem a algum homem que já devia ser muito velho na época em que ergueram a escola no seio de uma cidade recém-nascida. Teresinha não imaginava quem havia sido o Ubaldo cujo nome ela escrevia automaticamente nos recibos e documentos que emitia na secretaria, mas também não se ocupava em formar uma imagem mental de alguém que àquele ponto já deveria estar embaixo da terra.

Como sabemos, Teresinha preferia se ocupar das

coisas que cresciam acima dela. As nossas já conhecidas margaridas, hortênsias, roseiras. Seu pé de manga, o tomateiro, as samambaias. O frescor da grama, as plantas que brotavam do gramado. Enfim, coisas da terra.

O jardim, que ficava no quintal dos fundos da casa, era um pequeno universo cuja existência podia ser apreciada apenas por Teresinha; quem passava pela frente da casa via apenas a parte de cima da fachada, a única parte visível por trás do portão que preservava a privacidade da moradora – mas que sobretudo era alto para garantir sua segurança. Imagine, com a violência urbana que ela assistia crescer nos noticiários da TV, uma senhora que vivia sozinha não podia se dar ao luxo de ter um portão baixo.

Mas nem o portão alto, nem a conduta sempre adequada da moradora daquele terreno, nada disso se mostrou o suficiente para impedir que um dinossauro aparecesse em seu quintal.

Teresinha sabia que muitos dos seus vizinhos tinham dinossauros no quintal, e lhe horrorizava a ideia de um dia descobrirem um no seu. Fazia o quê? Uns dois meses que no quintal da família Pereira encontraram uma ossada de triceratops quando estavam escavando uma piscina? Foi um alvoroço aquela semana. Teresinha lembrava bem dos arredores sendo interditados e de um ônibus cheio de paleontólogos e sabe-se lá mais quem descendo na vizinhança para dar conta do dinossauro.

Desde então, os Pereira deixaram de ser convidados

para a festinha do bairro ou até mesmo para o churrasco que o Seu Messias fazia religiosamente a cada duas semanas, sempre no domingo, depois da missa, claro. Todos da rua eram convidados, inclusive Teresinha, que se deu ao trabalho de comparecer a um ou dois churrascos, mas tão tradicional quanto o evento eram as desculpas que as pessoas davam e os compromissos que inventavam para não verem as mesmas caras enrugadas dois domingos por mês. Não era exatamente o evento mais concorrido da cidade; mesmo assim, os Pereira não eram mais convidados.

Alisson, o filho mais velho, teve que mudar de escola e tudo – Teresinha lembrava também da papelada de transferência que encaminhou aquele dia, preparando as notas e histórico do garoto. O novo colégio ficava bem mais longe, mas talvez essa fosse justamente a vantagem. Teresinha imaginava que um garoto transferido levantava muitas perguntas e especulações, mas, naquele caso, Alisson até poderia se passar por um garoto problemático, encrenqueiro, que se meteu em confusão na Ubaldo Terêncio de Lima e por isso havia sido transferido; ninguém precisaria saber que ele era o garoto que teve um dinossauro descoberto no quintal. Seria o fim.

O custo social de ter um dinossauro no quintal era certamente terrível de encarar, embora Teresinha ficasse horrorizada mesmo com a ideia de um dia isso lhe acontecer não pelas caras fechadas que receberia em troca de seu "bom dia", mas por imaginar seu jardim arruinado.

Pensando bem, parecia ser tão terrível ser banida dos eventos da vizinhança quanto ter dezenas de pés no seu quintal, cavoucando seu jardim em busca de ossadas.

No mês seguinte, seria a vez de Rosilda. Os boatos que brotavam na sala dos professores e chegavam à secretaria já antecipavam que algo de muito errado estava acontecendo na família da coordenadora.

Quando aquele pedido de atestado chegou à mesa de Teresinha, claro que ela estranhou. Enrugou a testa tentando entender porque a mulher pediria à diretora tanto tempo afastada. Estaria doente? Com toda aquela disposição e vigor que a fazia resistir bimestre após bimestre descascando pepino de professor e colocando aluno folgado na linha? Altamente improvável.

Aquilo deixou Teresinha preocupada o suficiente para quebrar o protocolo; em vez de arquivar o papel e reorganizar a agenda de trabalho dos coordenadores, levantou-se com a folha de atestado e foi com seus passinhos rápidos até a sala da diretora, onde esperou que ela terminasse sua ligação, colocasse o telefone no gancho para perguntar, meio sem jeito: "o que houve com a Rosilda para conseguir uma licença de vinte dias? Ela está bem?"

A expressão do rosto da diretora sugeriu que boa resposta não vinha. Com um olhar grave, sinalizou a Teresinha que fechasse a porta atrás de si e se aproximasse da mesa.

"Não me diga que..." Teresinha tentava conter na

língua as piores especulações que já fervilhavam em sua cabeça. Mas a diretora foi rápida:

"Sim, dinossauro no quintal".

Teresinha abriu a boca com espanto de uma forma que ela mesma achou, na hora, surpreendentemente parecida com as expressões de espanto que ela via na novela quando alguém fazia uma grande revelação.

"Não pode ser. Logo a Rosilda?"

"Pois é, menina" ela disse, em seguida abaixando a voz em um tom conspiratório, tão debruçada na mesa que as pedras do seu colar rolavam sobre os papéis. "Dois velociraptors. Dois. A ossada de um bem embaixo do banheiro social. Vão ter que quebrar tudo."

"Misericórdia!"

"Ela tentou abafar o quanto pôde. Ficar na encolha, não falar muito, arrumar outro lugar, tentar se mudar. Mas aí o povo já estava falando, né. Não demorou muito para os paleontólogos descobrirem e aparecerem feito mosca em vasilha de comida destampada. Começaram as escavações hoje mesmo."

Teresinha ficou triste pela colega, embora secretamente aliviada por não ter sido em seu quintal. Esperava também que Rosilda fosse o último caso que tivesse notícia; não era possível que ainda fossem descobrir mais ossadas, já estava bom de ossadas por ali, chega de ossadas. Queria que aquele ciclo de dinossauros se encerrasse antes de chegar a sua vez, porque sabia que simplesmente não havia

o que fazer. Não havia. O que poderia ser feito, a não ser encarar toda a vergonha e prejuízo decorrente de tamanha tragédia? "Entregar pra Deus", ela concluiu para si mesma. Era fazer o que devia ser feito.

Algum tempo se passou e novos casos, assim como Teresinha rezou para que acontecesse, não apareceram mais. Nem mais se lembravam dos Pereira de forma pejorativa, sinal de que as coisas finalmente estavam de novo entrando nos eixos naquela cidade de gente de bem.

Até aquele sábado à tarde.

No começo, Teresinha achou que o Seu Messias tivesse inventado de criar galinhas e uma delas tivesse escapado para seu quintal, o que certamente seria desconfortável de resolver, porque ela teria que chamar o vizinho e pedir que tirasse a galinha dali – porque ela certamente não se daria ao trabalho de perseguir a penosa.

Da cozinha, onde passava seu cafezinho e fazia suas palavras cruzadas, ela viu algum bicho se mover rapidamente entre os arbustos. Céus, parecia uma galinha. Fazia até barulho de galinha. Teresinha nunca havia criado galinhas, mas tinha experiência o suficiente para não se enganar diante de uma.

Na verdade, ela não refletiu muito sobre a natureza do animal que estava atrás do seu tomateiro, porque de onde estava não conseguia ver muita coisa, só conseguia adiantar mentalmente o tipo de reclamação que ela faria ao dono da galinha quando descoberto. Ela não sabia se

era mesmo uma galinha, e era injusto atribuir a invasora a Seu Messias assim, tão precocemente e sem maiores provas; mas ela tinha certeza de que não queria nenhum bicho estragando seu jardim.

Teresinha foi até o quintal, pisando com cuidado entre as plantas, o corpo inclinado para frente e os óculos escorregando pela ponta do nariz, revelando olhos bem arregalados que varriam o jardim na busca pelo animal. Foi quando ela viu. Era um tanto maior que uma galinha; tinha penas, mas não muitas. Por baixo delas, parecia até um lagarto, embora se movesse, definitivamente, como uma galinha com asinhas atrofiadas.

De novo Teresinha se viu fazendo aquela expressão de espanto ridícula de novela das sete. Talvez não devesse assistir tanta televisão, pensou, acreditando que além de tomar emprestadas expressões corporais televisivas, estava trazendo para a sua vida alucinações dignas de filme. Levando a mão ao peito, como para se certificar de que seu coração continuava no mesmo lugar, embora o estivesse sentindo bater entre os ouvidos, Teresinha lançou mais um olhar para o bicho atrás do tomateiro e então teve certeza de que não estava vendo coisas.

Era um dinossauro mesmo.

•••

Que difícil era a vida de quem encontrava um dinossauro no quintal. Bem, pelo menos ainda era possível esconder

as ossadas por um tempo, uma vez que elas passaram alguns milhões de anos bastante quietinhas, dormindo eternas na condição de não descobertas. A dificuldade só começava quando os ossos ficavam, por alguma obra humana, evidentes para quem quisesse ver, especialmente para cientistas enxeridos que privavam as famílias de seus próprios quintais enquanto ainda houvessem ossos para desenterrar. Nada que se comparasse, você deve imaginar, à dificuldade de encobrir a descoberta de um dinossauro vivo, uma coisa que se mexia, fazia barulhos e crescia.

Era preciso fazer algo a respeito, pensou dona Teresinha, imaginando que de nada adiantava aquela sua pose de boba petrificada na porta da cozinha. O dinossauro era muito pequeno, é verdade, mas nem por isso era menos assustador. Será que já tinha dentes?

Teresinha não sabia; mas tinha certeza de que não podia deixar ele correr livremente pelo seu jardim, multiplicando as chances de que alguém visse o bicho dentro do seu terreno. Correu em direção ao rodo, que segurou com a firmeza de um rebatedor de beisebol, e se aproximou do dinossauro girando o cabo no ar de forma ameaçadora. "Xô, xô!" Não era exatamente uma ratazana, mas a estratégia já usada para espantar pequenos roedores também estava funcionando com aquele filhote pré-histórico: Teresinha batia o rodo no chão, empurrando o pequeno dinossauro para frente, cada vez mais para frente, e o bicho, aos guinchos, era conduzido a golpes de rodo até o portão da frente.

Teresinha cuidou para que houvesse uma distância segura entre o dinossauro e seus pés, assim como cuidou para que ele passasse longe da porta da cozinha, que ela, por descuido, havia deixado perigosamente aberta. Imagine se o dinossauro conseguisse entrar em casa, que trabalho ela teria para tirá-lo ou impedi-lo de se esconder debaixo de algum móvel!

Varreu o dinossauro para o portão da frente, rezando para que, àquela hora, não houvesse testemunhas para a expulsão da horrenda criatura de seu quintal. Fora dali, ele não seria problema seu; fora dali, não havia como ligar Dona Teresinha ao dinossauro.

"Não, esse dinossauro não é meu", ela se imaginou dizendo para os vizinhos. "Não tenho nada a ver com isso, não sei de onde ele surgiu", e estaria tudo certo, tudo voltaria ao normal. Fechou o portão com um estrondo e trancou-o mais rápido do que quando ouvia os Criacionistas da Salvação subindo a rua para pregar de porta em porta.

(Os Criacionistas da Salvação faziam parte de uma igreja relativamente nova, que defendia que ossadas de dinossauros eram artimanhas do diabo para confundir a humanidade quanto à verdadeira idade da Terra. Eles eram particularmente insistentes em suas pregações, pois pediam para entrar e orar nos quintais, como forma de prevenir que ali, na casa que recebesse a bênção criacionista, aparecessem ossadas de dinossauros. Teresinha, claro, tinha horror à ideia de qualquer pessoa que invadisse seu jardim, seja

para orar ou para fazer uma escavação científica; por essa razão, cuidava para que os Criacionistas da Salvação não passassem de seu portão. Agora pensava se isso não teria sido um erro. Talvez a bênção criacionista tivesse livrado seu quintal daquela visita indesejada, ela pensou naquele momento.)

Com o portão fechado, Teresinha voltava para o seu jardim, onde descansaria novamente o rodo na parede, quando deu de cara com o dinossauro olhando para ela apenas com o olho do lado esquerdo da cabeça, exatamente como fazem as galinhas quando desconfiadas. Mais um? Ela não entendia, agora aqueles merdinhas estavam brotando do seu quintal? "Mas não é possível!", ela disse, antes de repetir o procedimento e colocar o dinossauro para fora outra vez. E, mais uma vez, ao voltar para o jardim, lá estava o filhote andando entre suas plantas como se nada tivesse acontecido. Não, não era outro, como primeiro pensou dona Teresinha; mas sim o mesmo dinossauro cuja existência recusava-se a sair dos domínios do seu jardim, o seu tão inofensivo e correto jardim.

Naquele momento, Teresinha soube que não havia o que fazer: o dinossauro pertencia àquele quintal como uma ossada enraizada no solo; com a diferença de ainda não se apresentar como um fóssil que, pelo menos, tinha a vantagem de ficar parado e quieto. Ela também sabia que só existia um meio de um dinossauro ser retirado de um quintal: pelas ferramentas de paleontólogos e com todo o

reboiço e caras feias dos vizinhos que vinham no pacote.

O que fazer com o dinossauro foi uma questão que permaneceu com dona Teresinha todo o sábado, fazendo-lhe companhia durante o jornal da noite e a novela. Se expulsá-lo não era uma opção, enterrá-lo vivo tampouco; primeiro pela incapacidade de Teresinha em cometer algo que exigiria uma boa dose de crueldade, mas também por ela ter suas dúvidas se seria capaz de, sozinha, possuir o esforço físico necessário para jogar um filhote relutante dentro de uma cova e cobri-lo de terra antes que ele fosse capaz de escapar. Suava só de pensar.

Parada diante da porta de vidro da cozinha, olhando para o vulto do animal correndo de um lado para o outro em seu jardim, tamborilava os dedos em seus lábios no ritmo de seu nervosismo e de seus pensamentos que, numa aceleração fora do comum, tentava buscar alguma solução que reduzisse os danos daquela tragédia. "E lá se vai o meu jardim!" ela lamentou de repente, ao abrir uma fresta da porta e testemunhar o dinossauro arrancando um maço de margaridas, sacudindo a planta no maxilar antes de cuspir de volta no chão. Eram de aflição os grunhidos que o dinossauro soltava pelo quintal, muito preocupado com algo que seus instintos lhe gritavam e não com o que as normas de conduta de boa vizinhança recomendavam em relação a ruídos àquela hora.

O idioma do dinossauro atravessou o quintal e o peito de Teresinha, uma aflição que não cabia na língua

portuguesa que ela cresceu ouvindo e falando, mas que de imediato ela entendeu. Era a língua da fome, e que ruído horroroso ela fazia. Movida pelo desespero de silenciar aquele cacarejar reptiliano, Teresinha correu para a cozinha, abriu a *tupperware* que guardava o pedaço de bife restante do jantar e o sacudiu a alguns metros de onde o pequeno dinossauro continuava a pisotear as margaridas arrancadas.

Com a boca cheia de carne, ele calou, ainda que demonstrasse certa dificuldade em partir, com dentes ainda inexistentes, o bife que não conseguia enfiar inteiro em sua boca. Vendo isso, Teresinha cortou em pedaços menores o outro bife de sua vasilha, depositando um atrás do outro em uma trilha de migalhas de carne que conduzia até a área de serviços.

Teresinha imaginou que ali pudesse mantê-lo escondido e sob controle. Ela evitou pensar nas complicações que essa solução exigia. Evitou também pensar no trabalho que daria esconder um dinossauro e esperar que ele morresse, sem deixar de alimentá-lo para não chamar a atenção dos vizinhos.

Assim suas idas à seção de açougue do supermercado tornaram-se mais frequentes. A carne? Moída, por favor. Rápido com o carrinho antes que alguém repare nessas compras suspeitas. Oh, olá, Seu Messias! Tenho que ir andando, aproveitar que a fila não está tão grande. Terminei todo o trabalho, ainda precisam de mim? Ah, então já vou

indo. Não tem problema sair mais cedo hoje? Me senti indisposta, não consegui ir à missa das dez! E assim por diante.

Uma rotina pontual e ordeira como a grade de programação da TV foi ficando esburacada ou esticada demais, com Teresinha aparecendo em lugares que não costumava frequentar ou sendo menos vista onde era esperada sua presença.

Os sábados, que até meados de março daquele ano eram dedicados à jardinagem nos fundos de seu quintal, agora despertava Teresinha para outros afazeres. Ela ainda vestia a jardineirinha, o chapéu e portava suas pás. Ainda se agachava na grama e mexia em esterco. Mas o esterco que ela passou a manusear era de uma qualidade que ela não encontrava nas lojas de jardinagem da sua cidade, mas de um tipo específico e único que ela colhia no chão de sua área de serviços.

A dubou o pé de margaridas que começava a se recuperar do estrago, levantou-se e buscou no balde ao seu lado um pedaço de coxão duro cortado em cubinhos, do jeito que antes ela preparava para cozinhar na panela de pressão. Aquele pedaço estava cru, mas ela serviu assim mesmo. Jogou por cima de uma tábua alta que agora cruzava a entrada da área de serviços, como os cercadinhos que a vizinha da frente usava para manter seus cães na parte de trás da casa. Teresinha ouviu as patas riscarem o chão e a cauda bater na máquina de lavar quando o bicho correu em

direção ao pedaço de carne.

Teresinha foi até seu radinho de pilha e girou o botão de volume até que a 97.1 FM ficasse mais alta do que os sons de mastigação, baba e grunhidos que saíam da área de serviços. Com as mãozinhas unidas e a boca tentando acompanhar o refrão da música que tocava na rádio, Teresinha observava um crescimento que não era o do pé de manga, nem o das margaridas, nem o da roseira; mas a do dinossauro que ela agora cultivava no quintal.



À medida que o dinossauro crescia, aumentava também a exigência de seu apetite. Longe de Teresinha contrariar um carnívoro pré-histórico: ela buscava satisfazer a fome dele com um variado cardápio de carnes.

Por algum motivo que ela mesma não entendia ou sequer chegou a racionalizar, Teresinha sabia o que significam aqueles ruídos de garganta que o dinossauro fazia e que, basicamente, pediam: "carne! Carne!". Talvez o tempo de convivência houvesse criado, entre Teresinha e o dinossauro, o tipo de laço que permitia a uma criatura compreender a outra, embora "afeto" não fosse uma palavra tão apropriada quanto "medo" para descrever aquela relação. Mas a questão é que ela conseguia entender quando o dinossauro não gostava de alguma carne que ela oferecia. Carne moída? "Não", ela tinha a impressão de que ele respondia, fungando, grunhindo e sacudindo a cauda

– ou meramente ignorando algum pedaço que ela jogasse para a área de serviços. Linguiça? "Não". Dois quilos? "Mais!" Três quilos? "Mais!"

E assim, por meio de suposições, Teresinha tentava acertar os pedidos de seu novo hóspede até que não ouvisse mais aqueles grunhidos horrorosos; sinal de que estava saciado e de que ela não precisaria se preocupar com um escândalo que pudesse atrair para si qualquer suspeita.

Foi numa dessas conversas que Teresinha descobriu que o dinossauro não se contentava mais com toda aquela carne, linguiça, mesmo a picanha crua, inteira, pingando sangue, já não o satisfazia mais.

"Churrasco", ela entendeu ele dizendo, embora achasse que falar, para um dinossauro, já era um pouco demais; mas aquela recusa a toda a carne que ela jogava para dentro do cercado só podia significar isso: que agora ele precisava estraçalhar com os dentes alguma carne macia que tivesse sido assada na brasa.

A churrasqueira do Seu Messias era praticamente uma correspondente do jardim de Teresinha, do outro lado do muro. Ela não sabia como não chegava a sentir a fumaça nos dias em que ele resolvia assar uma carne, mas acreditava que, seja lá o que impedisse que ela fosse incomodada com os vestígios de um churrasco no quintal do vizinho, era exatamente o que impedia que ele ainda não tivesse ouvido os grunhidos de seu dinossauro – e, por essa sorte, ela era extremamente grata.

Mas lá estava ela, domingo em início de tarde, atravessando a cozinha de Seu Messias, conduzida por Marineide, a esposa dele, para o quintal onde alguns convidados, já instalados em mesas de plástico devidamente guarnecidas de aperitivos e palitos de dentes, bebericavam sucos e cervejas à espera das primeiras remessas de carne.

O fogo acabava de ser aceso. Da boca da churrasqueira, que era abanada por um contente Seu Messias, saíam as primeiras fagulhas de brasa. De onde estava, Teresinha podia ver a vasilha onde ele havia temperado alguns pedaços de carne. O brilho de uma carne bem crua era uma cor com a qual Teresinha andava bastante familiarizada ultimamente, por isso seu olhar acabou se demorando um tanto mais nesse canto do balcão, ao lado da churrasqueira. Quando Seu Messias olhou para ela, Teresinha desviou o olhar rapidamente e sorriu com o máximo de normalidade que pudesse esconder seu nervosismo.

"Que prazer, há quanto tempo", e Seu Messias surpreendentemente sempre tinha muito assunto para tratar com ela; apesar de viverem lado a lado, na mesma vizinhança e na mesma rua, parecia a Teresinha que o vizinho morava em um lugar onde coisas novas não paravam de acontecer, embora para ela o único atrativo da rua fosse a sua própria televisão.

Poucos minutos de evento e Teresinha foi amolecendo aos poucos em meio aos papos de você não vai acreditar com quem eu encontrei, aprendi uma receita incrível, e

a Rosilda, como vai?, Quando será que a prefeitura vai consertar aquele vazamento?, Eu não espero nada desse governo novo, me passa o guardanapo?, Esse vinagrete está maravilhoso, quiéisso, obrigada, seu cabelo está tão bonito, imagina, querida! E a sensação de pertencimento até fazia Teresinha esquecer o problema que guardava em casa, porque estar entre os seus parecia justificar aquele pequeno sacrifício. Mas ela tentava não se esquecer do que a motivou a aparecer no churrasco.

Seu Messias trazia tábuas generosas com carne cortada e a mesa apresentava uma fartura de acompanhamentos: vinagrete, arroz, batata, farofa, cebolas, milho. Teresinha enchia seu prato de tudo o que pudesse, embora só comesse uma parte do que servia; a outra parte, mais precisamente a proteica, ela escorregava para dentro de sua bolsa, discretamente, quando ninguém estivesse prestando atenção nela.

"Teresinha", alguém gritou do outro lado da mesa, um segundo depois de ela descarregar uma porção grande de coraçõezinhos de galinha para dentro da bolsa, o que a fez saltitar na cadeira de susto. "Teresinha tem um jardim invejável", a voz continuou. Quando ela se virou, a mão sobre a boca, viu o pároco apontando para ela com grande satisfação.

"Padre, assim fico sem graça! Imagine, é apenas um jardim caseiro", ela tentou parecer modesta, enquanto curtia o calor que a palavra "invejável" causou em suas

bochechas.

"Ainda estou para conhecer alguém com maior talento na jardinagem", disse o padre se aproximando e aproveitando para encher o prato de linguiça e pão de alho. "Como estava dizendo, irmã Augusta, o jardim de Teresinha, que já tive o privilégio de conhecer certa vez, é um lugar divino. Aposto que ela pode ajudar a transformar o jardim da paróquia em algo tão próximo do céu quanto aquilo que construiu em seu quintal."

"Seria uma honra!" Teresinha não imaginava trabalho mais feliz e realizador do que cuidar de jardins. Já havia passado da hora de reconhecerem seu talento naquela comunidade; então pensou que, se ela frequentasse mais churrascos e eventos da igreja, talvez tivesse recebido esse convite antes.

"Eu adoraria conhecer essa maravilha", disse a irmã Augusta, chupando a gordura da carne que havia ficado em seus dedos.

"Oh", Teresinha sentiu o baque de uma queda vertiginosa ao despencar do alto de sua vaidade quando se lembrou da "maravilha" que agora crescia em seu quintal. "Infelizmente, não é um bom momento para fazer essa visita, irmã Augusta. Vou ficar lhe devendo. É que... estou reorganizando o meu jardim e há muito esterco e terra por todo lado, sabe."

"Ah, então era isso?", Seu Messias disse de repente. Teresinha ficou momentaneamente paralisada de pavor,

acreditando que o vizinho finalmente fosse expor suas suspeitas e apontar o dedo em uma definitiva acusação. "Perdão! Acho que estou sendo indelicado ao dizer isso", e todos fizeram caras de interrogação esperando que Seu Messias terminasse de falar: "há dias venho sentido um cheiro estranho vindo do lado da sua casa."

"Cheiro?", Teresinha sentiu sua voz saindo quase como um cacarejar, em notas tão agudas que de outra forma ela só alcançaria num curso de canto lírico.

"Sim, com o perdão da palavra, um cheiro de bosta arregaçador que eu não sei definir. Não conheço nenhum animal vivo que seja capaz de produzir fezes tão fedidas. Mas você disse que está adubando o seu jardim, certo?"

"Ah, sim! O cheiro! Mil desculpas, Seu Messias, o cheiro deve ser mesmo o do adubo especial que estou usando."

"Imaginei que fosse. De outra forma, eu poderia dizer que há alguém morto apodrecendo nos fundos da sua casa!" e o ha ha ha dele puxando risadas gerais, um som que representava bem o alívio de Teresinha ao conseguir abafar, por mais um tempo, o segredo que guardava em seu quintal.

•••

Agradar dá trabalho. Não percebemos isso quando estamos do lado que faz as exigências ou que recebe os benefícios dela, mas é algo particularmente notável quando estamos do lado que se esforça para cumprir as expectativas.

Teresinha se atentava para isso agora, quando precisava se desdobrar para manter-se no status de senhora agradável que não tem nenhum tipo de dinossauro em seu quintal; talvez por isso tenha, pela primeira vez, reconhecido o valor do antes indesejado churrasco na casa do seu vizinho. Era, afinal, a forma que Seu Messias encontrou de agradar aos outros, de ser útil e agradável para a sociedade da qual fazia parte.

Fazer parte de uma sociedade, era para isso que valia a pena encher uma bolsa de carne assada e deixar o tecido interior todo engordurado, refletiu Teresinha ao voltar para casa aquele domingo. No entanto, não é possível dizer se ela chegou a pensar em por que deveria ser ela a se envergonhar por ter um dinossauro em seu quintal e não o contrário; o que exatamente na aparição de um dinossauro determinava que alguém deveria ser rejeitado por um grupo ou comunidade? Mas na TV era hora do Fantástico e ela aumentou o volume enquanto esvaziava a bolsa em uma vasilha de plástico, deixando aquela pergunta não feita adormecer em algum canto do seu cérebro.

Abriu a porta da cozinha com sua habitual delicadeza, em um gesto automático que a conduziu para a lavanderia dos fundos do seu quintal. Dois, três passos, e lá pelo quinto é que ela retomou o volante de seu próprio cérebro, notando algo diferente no cenário que ela estava acostumada a ver todos os dias. A tábua que restringia o dinossauro à área de serviços estava deslocada, derrubada no chão. Ela se

aproximou devagar e não conseguiu ver muita coisa além de um cesto de roupa de suja que só crescia há semanas, de um tanque e de uma máquina de lavar.

Não havia sinal do dinossauro, o que a deixou confusa em uma primeira instância, mas aliviada numa segunda: tudo o que ela queria é que ele desaparecesse, sumisse da sua vida e a libertasse da obrigação de esconder sua existência. Tudo voltaria a ser como era antes, sem cobranças sem sentido, apenas seguir a vida sendo uma funcionária exemplar, uma vizinha que não arrumava encrenca, uma pessoa do bem que correspondia às expectativas.

Um som gutural às suas costas chamou sua atenção e Teresinha se virou. O jovem dinossauro, que ela encontrara do tamanho de uma galinha, já atingia o tamanho de uma avestruz. Como ele ficou tão grande? Teresinha não sabia; ela se limitava a alimentar o bicho sem lhe dirigir um olhar mais atento enquanto ele crescia do outro lado da tábua, nas sombras de sua área de serviços. As pernas fortes agora deixavam rombos em seu gramado a cada passo que ele dava, enquanto as garrinhas dianteiras se penduravam de uma forma engraçada enquanto ele inclinava a cabeça atraído pelo cheiro da vasilha. A cauda do bicho era um chicote de couro que balançava pra lá e pra cá golpeando as flores e os ramos de suas plantas.

"Aqui, aqui, bichinho", Teresinha só não se sentia ridícula ao tratar um dinossauro que ficava cada vez maior como se fosse um gatinho porque estava apavorada demais

para racionalizar sobre o que estava falando. Ela depositou a vasilha cheia de churrasco no chão e deu alguns passos para trás. Movido por curiosidade e fome, o bicho se aproximou e enfiou o focinho na bacia, devorando primeiro com o olfato a carne que depois agarraria com os dentes.

"Isso, isso! É churrasco, do jeito que você pediu", Teresinha disse com uma ponta de satisfação, a mesma que sentia quando via suas hortênsias desabrocharem ou uma semente germinar depois de seu trabalho duro na jardinagem.

Rapidamente o dinossauro ergueu a cabeça, deixando abaixo de si uma vasilha engordurada e vazia. Um churrasco que ela demorou a tarde inteira para coletar e que o bicho demorou menos de um minuto para mandar para dentro. Não sabia até quando seria capaz de fazer tanto esforço para esconder aquele segredo; pensou se não compensaria mais ela simplesmente chamar logo os paleontólogos e arcar com a rejeição que isso pudesse causar. "O povo fala, fala muito, mas também esquece rápido".

Calculou rapidamente a distância até a porta da cozinha, uma fuga, um abrigo seguro e um dinossauro bem no meio do caminho. A distância calculada, no entanto, começou a diminuir quando o dinossauro deu alguns passos em direção a Teresinha. Para sua confusão, pavor e desgraçamento, aqueles grunhidos continuavam a dizer "carne, mais carne!". Não havia sido o suficiente? Não era churrasco que ele queria? Estava bem passada demais?

Fria? Talvez muito salgada? Ou talvez preferisse carne moída? Ou frango? Quantos quilos, céus?

Teresinha recuava, aflita e imersa em impotência. Havia descoberto, um pouco tarde demais, que era impossível acertar. As exigências haviam se tornado tão grandes quanto o dinossauro, e todo aquele peso caiu de uma vez sobre dona Teresinha quando aquele exemplar adolescente de uma espécie já extinta pulou sobre ela.

Era apenas uma questão de tempo: o monstro que Teresinha alimentou agora a devorava.

Não se sabe se os gritos daquela noite ou se a ausência de Teresinha no serviço no dia seguinte foram o sinal que chamou a atenção das pessoas; de qualquer forma, aquilo primeiro causou irritação, seja por quem não acreditava que Teresinha pudesse desrespeitar o silêncio da vizinhança num domingo à noite (justamente na hora do Fantástico, imagine!), ou por quem se incomodasse com a secretária da escola faltando sem nenhum atestado ou justificativa. "Teresinha já foi mais correta! Que absurdo", disseram.

Num momento seguinte, porém, houve apenas espanto. Quando entraram na casa da dona Teresinha, encontraram apenas um jardim destruído e uma ossada espalhada em meio à terra e às plantas pisoteadas. Nada que pudesse ser do interesse dos paleontólogos, no entanto.

"Pelo menos não eram ossadas de dinossauro", Seu Messias disse balançando a cabeça com seriedade, despejando na mesa mais uma remessa de corações de galinha.

O DIA EM QUE O
WORKAHOLIC PAROU

Primeiro dia.

Mal via a luz do sol pela manhã e já acordava com uma tela luminosa na cara, aquele retângulo que quase não cabia em sua mão inteira, mas o que importava?, Se era do tamanho perfeito para deslizar seus dedos pelas notícias do trânsito e dar uma passada de olhos nos e-mails que acumularam na sua caixa de entrada durante as cinco horas que passou dormindo. Estava atrasado.

O dia de Lourenço começava cedo e não havia tempo para abrir as cortinas *blackout* que impediam a luz natural de entrar pelas janelas da sua suíte, aquelas janelas grandes de um *flat* dois quartos, varanda, terraço *gourmet*, cama *king size* e certamente mais um monte de palavras estrangeiras na mobília que só quem deu muito duro na vida merecia ter. Mas o máximo de glamour que se permitiu foi comer uma torrada no meio do caminho enquanto encaixava seus ombros no terno. O café teria que esperar até ele chegar ao escritório.

Qualquer parada no trânsito, e eram muitas àquela hora, era oportunidade para voltar à telinha luminosa, fazer uma leitura dinâmica no portal de esportes enquanto o cara no rádio falava de um novo escândalo no governo, que

Lourenço fazia questão de acompanhar com a assiduidade de um romancista. Sempre um cara bem informado.

Sabe o que é necessário para ter sua própria sala numa grande & respeitada companhia, mesa de mogno, livros de fotografia colocados sobre a mesa para impressionar os clientes, enfeites caros nas prateleiras, prêmios e a coisa toda, uma cadeira daquelas com encosto alto, em couro, bem confortável? Lourenço sabia. Claro que aquilo vinha com um preço, se nem colocava os pés sobre o tapete do andar dos gerentes executivos e já ouvia o telefone tocar na sua mesa anunciando que era um pepino, só podia ser pepino. Não deu outra.

Era o seu *prospect*, como eles chamavam os clientes-que-renderiam-contratos-se-devidamente-bajulados, querendo marcar uma reunião para o final do dia e Lourenço sorriu, a voz prestativa dizendo que sim, como não, não haveria problemas e afinal seria um ótimo dia para apresentar o projeto. O cliente do outro lado muito satisfeito por não ter que pensar mais nessa questão depois de desligar o telefone – provavelmente voltou a ver os vídeos engraçados na internet que o ocupariam até a hora do almoço – enquanto fazia Lourenço simplesmente surtar.

Claro que a apresentação não estava pronta ainda. Lourenço nem colocou o fone no gancho e ligou imediatamente para o Pacheco, que teria que dar um jeito de agilizar os detalhes do projeto. Urgente.

Nem hora do almoço e ele já havia escrito quase

todos os textos que faltavam na apresentação, os punhos vestidos de camisa social posicionados ao lado de seu *laptop* dezessete polegadas, porque tela grande nunca era demais, apenas o dedo do meio deslizando a setinha do mouse para conferir se estava tudo certo. Enviou por e-mail para a revisora garantir que o texto ficaria perfeito, ainda conseguiu mandar alguns outros relatórios para o seu superior e foi umas três vezes na mesa da Sílvia cobrar uns documentos pendentes.

Ela chegou a ir à sua mesa também, mas não foi para entregar nada do que ele precisava. "Estou indo almoçar lá no *Eva Bambino*, vamos?" Não, não vai dar, Lourenço respondeu um tanto surpreso com a hora já avançada, nem viu quando a colega deu as costas e saiu.

Acabou pedindo um sanduíche no *delivery*. Comería no escritório, precisava adiantar umas coisas.

A tarde passou voando e Lourenço também. No táxi em direção à reunião, respondeu pelo celular alguns e-mails que não teve tempo de ler no escritório, que a modernidade servia exatamente para isso, para poder ser produtivo o tempo inteiro, ainda que atolado no vaso dando uma boa cagada, coisa que, aliás, não se lembrava de ter feito aquele dia. Deu uma boa alongada no pescoço e sentiu uma tensão sobre os ombros. Talvez fosse por causa da apresentação de logo mais.

Tudo certo, tudo lindo, muitos sorrisos e acenos de cabeça que significavam expectativas cumpridas, e de suas

cadeiras importantes aqueles homens pareciam até maiores; será que um dia se sentaria em cadeiras como aquelas, Lourenço pensava, apertando o gatilho de sua caneta prateada enquanto o diretor despejava seus comentários a respeito do projeto e seus subordinados concordavam ou faziam comentários vazios só para mostrarem que estavam lá, fazendo seu trabalho, seja lá qual fosse.

Alguns ajustes antes de aprovar o orçamento, em resumo era isso, e sempre os ajustes para massacrar Lourenço um pouco mais. Pacheco logo receberia uma ligação com a má notícia de que precisaria levar trabalho para casa, porque o cliente queria ver tudo pronto no dia seguinte – homens sentados em cadeiras grandes eram muito ocupados, assim era como o mundo funcionava. E Lourenço, que queria vender logo o projeto, não se importava em trabalhar até às três da manhã.

Só se rendeu à cama quando não aguentou mais de dor nas costas.

Segundo dia.

Mais estresse. Pressa. Ligações. E-mails. Gente incompetente. Cobranças. Contrato fechado. Relatórios. Café.

Em algum momento em meio a isso, a assistente de Lourenço chegou por trás e colocou as mãos em suas costas, de forma que ele só se deu conta de sua presença quando

ela apertou um pouco mais forte.

"Nossa, Lourenço! Quanta tensão!"

Bia era uma jovem recém-formada, com tino para os negócios, mas com experiência de menos até para entender que trabalhar naquela posição privilegiada não a fazia mais competente aos olhos dos colegas, mas apenas um acessório, mais uma das vantagens de Lourenço – ter uma sala sofisticada significava quase sempre que uma secretária atraente vinha no pacote.

Ele não recusou a massagem improvisada da assistente, e acabou sendo essa a cena que Sílvia encontrou quando chegou na sala trazendo a tal papelada, porque sempre havia papéis circulando e de alguma maneira aquilo dava sentido ao trabalho que estavam fazendo ali. Deslizou a pasta pela mesa e Lourenço agradeceu com um sorriso, indicando a poltrona diante dele para que ela se sentasse.

Passou os olhos pelos documentos, tantos detalhes, tantas coisas importantes, que Lourenço seria incapaz de imaginar que a colega, apertando o gatilho de sua própria caneta prateada, perguntava a si mesma quando ela se sentaria numa cadeira daquelas e teria alguém às suas costas fazendo uma massagem – trabalhava tanto quanto Lourenço, quem poderia negar?

Mas tão concentrado nos documentos ele não percebeu nada disso, nem o olhar triste que Sílvia lançava para Bia enquanto a moça dava soquinhos nos ombros de Lourenço, duros demais para serem amaciados só com os dedos. Sílvia,

achando aquilo muito deprimente, resolveu dizer alguma coisa.

"Escuta, também ando cheia de nós nas costas ultimamente, essas últimas semanas estão me matando. Mas tenho um massagista ótimo. Sério, ele é um santo. Vou te passar a indicação do SPA onde ele atende."

Lourenço nem lembrava mais de Bia às suas costas, a página 15 estava realmente muito complicada, e ele quase perguntou para Sílvia como ela adivinhou que ele estava com uma dor nas costas desgraçada.

Da próxima vez que Sílvia voltou à sua sala, levou o cartão do massagista e Lourenço agradeceu à indicação; confiava no critério dela, se a colega fazia questão de frequentar os melhores lugares – e falar isso para todo mundo fazia parte da experiência. Era à Sílvia que se recorria se quisesse indicação de um bom restaurante, de uma psicóloga, do melhor arquiteto, de uma esteticista milagrosa, de um massagista santo. Era caro, mas ela garantia que valia a pena. "Passei da fase de não poder pagar pelo melhor", ela diria para o massagista no fim do dia, enquanto os nós de preocupação das suas costas eram gentilmente esmagados e espremidos por aquelas mãos cheias de firmeza. Afinal, era para isso mesmo que ela trabalhava tanto.

Terceiro dia.

Depois do expediente, Lourenço passou no SPA sentindo-se um cara de sorte por conseguir um horário tão conveniente na agenda disputada de Milton.

A música era suave, o ambiente limpo, calmo, com uma iluminação aconchegante e o roupão que lhe deram era tão macio quanto um abraço – mas logo ele deslizou para fora dele e se deitou na cama.

Milton esfregava as mãos com um óleo muito cheiroso e foi reconfortante receber aquele toque nas suas costas, ainda que doesse horrores quando o massagista alcançava seus ombros.

"O peso do mundo está aí", Lourenço disse entre os dentes, segurando a dor que martelava em suas costas e a baba que ia escorrendo quando Milton encontrava alguns pontos sensíveis.

Ele tinha mãos que sabiam aonde ir; mesmo assim, Lourenço não conseguia relaxar completamente, tomado por um cansaço que nenhum massoterapeuta caro seria capaz de exorcizar. Se Lourenço estava achando difícil, ele deveria olhar para a cara de Milton: aqueles ombros travados estavam dando uma canseira no massagista, e talvez ele próprio precisasse de um bom alongamento nos pulsos depois.

"Vamos precisar de mais uma sessão. A coisa está feia." Milton disse, ao devolver o roupão. Algumas gotas de suor brotavam de sua testa.

Quarto dia.

"O que achou do Milton?" Sílvia misturava adoçante ao seu café e era tão cedo que ela nem havia tirado os óculos escuros ainda. Lourenço procurou sua cápsula especial na gaveta – um *blend* extraforte com suaves notas de cacau amargo, o único capaz de despertá-lo – para colocar na máquina e havia uma névoa de mau humor pairando sobre o seu rosto.

"A dor piorou."

"Não creio! Milton é o melhor."

"Talvez não estivesse inspirado. Volto lá hoje e vejamos o que ele é capaz de fazer."

Sílvia não entendia como as supostas mãos mágicas de Milton não haviam causado efeito algum no colega, mas garantiu que as coisas ficavam melhores sessão após sessão, feito droga que vai viciando aos poucos. Se não funcionasse, ela ofereceu em tom de confiança, Lourenço podia buscar com ela a indicação de um relaxante muscular que era batata. "Acredita que tomo todo dia antes de dormir e nunca perdeu o efeito? É incrível."

Lourenço esperava mesmo que fosse, se ele mal conseguia mover os ombros. Foi um suplício atravessar o dia com o ritmo do escritório tão intenso; contas novas entrando, projetos caminhando a todo vapor, o que significava um cheque de comissão bem gratificante no final do mês, mas que também significava mais carga para

os seus já exaustos ombros arrastarem pela semana.

"Milton, você é a minha esperança, cara", ele disse ao entrar na sala do massagista algumas horas depois, quando conseguiu se desembaraçar do emaranhado de reuniões, conversas inúteis, papeladas e cronogramas sobre os quais o seu trabalho se sustentava.

Mas foi só tirar o roupão para Milton o olhar com uma cara feia de espanto, porque não era por não trabalhar num escritório que o massagista também não tivesse seus pepinos para resolver. E aquilo definitivamente estava fora de sua alçada. Lourenço não estava entendendo a reação do massagista, até que ele trouxe um espelho e mostrou o que estava vendo de errado. Lourenço levou um susto. O músculo sobre os seus ombros estava bastante inchado, duro como pão de ontem.

"É melhor você procurar um ortopedista!"

E Milton anotou sua indicação em um papel, a música relaxante em um evidente contraste com a tensão que tomou a sala.

Quinto dia.

Com o terno, não dava para notar o inchaço nos ombros. Passou o expediente todo duro, sentindo-se um cabide.

Não teria saído mais cedo, embora não fosse dia útil, se não fosse para estar sentado no consultório da Doutora

Elisa, que o recebeu com um aperto de mão firme e o costumeiro "o que te trouxe até aqui", que Lourenço só conseguiu responder apropriadamente tirando o terno e a camisa. Ela fez a mesma cara feia que o massagista no dia anterior, o que dessa vez não surpreendeu Lourenço; ele mesmo ficava espantado quando se olhava no espelho. Era uma aberração.

Doutora Elisa se aproximou, apalpou aqueles ombros duros, examinou as costas, pediu para que ele se deitasse de lado na maca, até usou um martelinho para dar algumas batidinhas. Voltou para sua mesa com uma expressão indecifrável no rosto, talvez num esforço para que o paciente não entendesse que ela, na verdade, não tinha a menor ideia do que podia ser aquilo. Ele se sentou, vestiu a roupa e esperou ela dizer alguma coisa enquanto fazia anotações num bloco de papel.

"Vou pedir alguns exames para ter certeza", nessa afirmação a tentativa de tranquilizá-lo, de dizer que ela até sabia o que poderia ser, mas era melhor confirmar – quando o que queria ter dito era "nunca vi algo tão bizarro na minha vida".

"Pode ser stress", ela adiantou, erguendo as sobrancelhas até quase atravessarem sua testa, e no papel anotava a prescrição de um analgésico. "Tire três dias de repouso, sim"?

E Lourenço pegou o papel sentindo aquela palavra soar de um jeito estranho em seus ouvidos.

Sétimo dia.

Que importava a médica ter lhe dito três dias, se ninguém melhor que o próprio Lourenço para dizer quando já estava melhor para voltar ao trabalho? O fato é que ficar em casa iria matá-lo; voltou à firma no segundo dia (permitiu-se apenas um domingo de folga) e atravessou o corredor dizendo aos colegas que estava bem, que estava melhor. Claro, não tinha tempo para ficar sentindo dor.

A verdade é que tomou tanto remédio que tinha analgésico saindo pelos ouvidos. E – numa tentativa de ver as coisas pelo lado positivo – até que as costas duras davam a ele um postura imponente de um gerente executivo que não brincava em serviço.

Bia atualizava o chefe do status das últimas operações no projeto de sua responsabilidade e, num mundo distante, todos aqueles números, siglas e índices de desempenho faziam algum sentido; no mundo anestesiado de onde Lourenço tentava se concentrar nas palavras da assistente, aquilo tudo parecia tão louco quanto a descrição dos passos de um ritual de magia envolvendo xícaras velhas, números primos e um disco de vinil do Tom Jones.

Ao final, ele já estava bem informado do que precisava fazer: mandar alguns e-mails, tomar decisões, fazer ligações, preencher relatórios. Não eram nem onze da manhã e ele já estava se perguntando a necessidade de vestir terno

e ter uma sala daquele tamanho para ficar na frente do computador mexendo os dedos em cima do teclado.

E suas costas, céus, como pesavam.

Era difícil pensar em qualquer coisa com aquela dor, e ele escorregou mais um comprimido pela garganta, na esperança de que sumisse também aquela estranha sensação de que seu trabalho era um pretexto mal explicado para ele andar por aí com um celular grande, usar ternos bem alinhados e se sentar numa cadeira de couro com encosto alto.

Afinal, o que ele fazia? Que tipo de empresa era aquela? Como ele conseguia ganhar tanto dinheiro? Que projetos ele vendia para os seus clientes? Como aquele trabalho podia ser tão estafante? Lourenço voltou a responder e-mails e não pensou mais em perguntas que nem fazia sentido responder.

Oitavo dia.

Ficar sentado doía. Ficar deitado doía. Fazer alongamento doía. Passar a mão doía. Doía tanto que se levasse um murro na cara nem ia sentir.

A enorme cadeira com encosto acolchoado de couro de repente parecia de concreto; não era macia o suficiente para acomodar toda aquela dor. Pensou novamente na cadeira do seu cliente (aquele para quem estava mandando um e-mail cheio de anexos) e imaginou se estaria mais

confortável sentado nela. "Um dia", pensou, "um dia".

Dali a dois dias, uma nova reunião. Tinha um projeto para cuidar e tinha que correr com a primeira fase ou não ficaria pronta para apresentar para o cliente; logo, não tinha tempo para pensar no que poderia ser aquele inchaço, aquela dor insuportável que dos ombros tinha escorrido para as suas costas inteiras.

Projeto. A palavra soou pastosa na sua boca, como se não significasse nada, como se nunca tivesse significado e ele tivesse passado aquele tempo todo fingindo. Projeto, que coisa estranha. "Projeto", ele repetiu em voz alta. Bia olhou para trás para se certificar de que ele não estivesse precisando dela e ele apenas pigarreou e voltou o olhar meio confuso para a tela de seu computador. Projeto. Que horas eram? Talvez estivesse atrasado, sempre estava atrasado para alguma coisa e, do outro da janela atrás dele, o dia já havia escurecido, de uma forma que nunca acontecia com as telas luminosas que Lourenço carregava com ele.

Nono dia.

Lourenço levou uma almofada para o trabalho. Acordou sentindo a lombar tão dura e dolorida quanto todo o resto de suas costas. Tanta coisa para resolver em véspera de reunião, tudo o que ele queria é que aquela maldita dor parasse.

Doutora Elisa entregou as radiografias sem olhar para

Lourenço e de novo a caneta metálica e pesada fazendo anotações num bloquinho. As sobrancelhas dela eram de preocupação, só podiam ser. Lourenço estava certo.

"Pelas radiografias, o inchaço parece uma formação óssea. É algo absolutamente anormal, só por esses resultados não dá para saber do que se trata. Vou pedir para que tire uma amostra de sangue, principalmente porque acho bem preocupante que os remédios não estejam fazendo efeito."

Em casa, Lourenço não conseguia parar de pensar: "Ai meu Deus, será um tumor? Vou morrer?" Mas se lembrou do *deadline* do projeto, da apresentação do dia seguinte, do cheque que logo receberia de comissão e que gastaria todo em massagens, em mais um degrau que subiria na sua carreira e já não havia mais espaço para aquele tipo de pensamento, se definitivamente ele não teria tempo pra morrer. Aproveitou e enviou um e-mail pelo celular antes de deitar. Dormiu de bruços.

Décimo dia.

Foi difícil acordar. Tentou se levantar, mas suas costas doíam – ou melhor, o esmagavam. Não conseguia se virar na cama, os braços dobrados de um jeito esquisito, um tanto dormentes, incapazes de fazer movimento para que o corpo rolasse de barriga para cima. Acabou escorregando para o lado em um movimento débil, mas pelo menos seus pés agora tocavam o chão.

Tirou a calça de pijama e pegou a toalha em um movimento quase tão automático quanto fazer a tela do celular acender para ver as horas, mas a normalidade da rotina parou por ali. Ao passar diante do espelho, quase caiu para trás quando não viu o corpo que estava acostumado a ver antes de ir para o trabalho todas as manhãs.

"Que porra é essa?"

Lourenço olhou para as suas costas, onde agora se destacava um bizarro casco de tartaruga. Esverdeado. Duro. Lisinho. Pesado. Não podia ser outra coisa. Era mesmo uma carapaça, uma carapaça de tartaruga!

Céus, tantos dias para nascer um casco de tartaruga, tinha que ser logo no dia em que tinha uma reunião pela manhã? Estava atrasado, faltava terminar um relatório e agora tinha um casco de tartaruga para esconder – esperava que seu terno mais caro compensasse tamanho investimento servindo para disfarçar aquele inesperado e tartaruguesco incidente.

Ligou o chuveiro e esfregou bem o rosto. Talvez estivesse sonhando, era isso que desejava com força no momento, que estivesse sofrendo alucinações por causa da dor. Aquilo definitivamente não fazia sentido, mas se havia algum sentido na sua vida e no seu trabalho, estava escorrendo pelo ralo junto com a água que caía no seu corpo. Um executivo com casco, aquele pensamento lhe pareceu tão idiota até ele finalmente perceber, tirando o sabão do olho, que a parte mais absurda da expressão era

"executivo".

Saiu do banho se sentindo bem melhor. Mas o casco continuava ali, tal qual uma mochila carregada de pedregulhos.

Lourenço, no entanto, não ligava mais. Agora ele tinha olhos brilhantes em um rosto bem enrugadinho, além de longas nadadeiras, com as quais seria impossível manusear seu celular.

SEGUNDA

O despertador é o agente da ditadura das primeiras horas. E hoje em dia os despertadores não mostram só as horas, não; mostram o dia do mês, da semana, os e-mails não lidos, as notificações de conversas ansiosas que ficaram aguardando por você enquanto seus olhos estavam fechados, inclusive uma imagem de plano de fundo e um toque à sua escolha. Modernidades.

Ele entra gritando no quartel, mesmo quando não há quartel, e mesmo quando você não é soldado, você precisa se pôr de pé e atender ao chamado. Você, é claro, permite-se ter um momento de insubmissão com o seu "só mais cinco minutinhos", sem o medo de que alguém mande você cumprir vinte flexões por causa disso. Há aí uma sensação de poder, ainda que cinco minutinhos sejam uma expressão de poder mínima, frágil, minúscula. Mas para você, naquele momento, é o suficiente.

A essa altura, você já viu o meu rosto. Por isso o desgosto em acordar, a preguiça de viver, a recusa em me encarar com uma expressão mais agradável do que essa cara de cu que você reserva especialmente para o momento em que me encontra todas as semanas. Você tenta não me olhar mais, pelo menos enquanto toma banho, café e vergonha na cara para sair de casa dentro do horário.

Aí vem o trânsito para ir ao trabalho. Não importa se você está de carro, de ônibus, de metrô ou a pé, você me lança um olhar condenador. Todo mundo de cara emburrada, evitando se olhar, se esbarrar, se cumprimentar. Bom dia é ofensa. E de repente você se percebe numa estranha comunhão com as outras caras emburradas, as testas tão franzidas de raiva que parecem estar até sorrindo umas para as outras, porque as donas dessas testas também parecem me desprezar secretamente. É como se eu tivesse soltado um peido no vagão.

Não que alguém tenha perguntado o meu lado, mas nessas primeiras horas eu tento ser compreensiva. É sempre uma tortura acordar, mau humor matutino, ressaca, seja lá o que for. Não levo para o pessoal, juro. Mas na medida em que as horas passam, fica difícil levar adiante essa atitude super otimista de que o problema não sou eu, já que você tenta jogar isso na minha cara a cada oportunidade que aparece.

"Affe, segunda-feira, queria estar morta". Sério, colega?

Seus pés se arrastam pela firma, da área do café para a sua mesa, onde você se senta para começar os trabalhos do dia: escrever no Twitter algumas frases espirituosas sobre esse momento trágico que é se encontrar comigo e assim conseguir aplausos virtuais em forma de *retweets* e *likes*. Todo mundo odeia a segunda. E você, como pessoa investida da missão de ser porta-voz dessa multidão de

oprimidos, precisa falar sobre como esse dia tritura seus sonhos e sua vontade de viver, antes mesmo de abrir sua caixa de entrada para checar os e-mails da firma. Em um deles, a chefe cobra a entrega de um trabalho para a primeira hora depois do almoço. Você ainda está dentro do prazo, que era para daqui a dois dias, mas subitamente a entrega ganha caráter de urgência e faz parecer que você deixou tudo atrasar. Agora não tem essa de "só mais cinco minutinhos".

Aí vira a cara pra mim, como se minha presença, por si só, lembrasse quanta coisa você precisa resolver durante a semana. Como se a culpa fosse minha. Mas deixa eu te dizer uma coisa: eu não existo para ferrar com a sua vida, como você gosta de imaginar. Na verdade, sou completamente indiferente às merdas que você arranjou para chegar ao ponto de odiar tanto a segunda-feira e desejar com ardência que a sexta chegue ao fim, apenas para desfrutar de dois dias curtos, míseros, isolados em meio a um oceano de dias úteis, quando você finalmente pode se ver livre da sua prisão particular.

Então nem adianta vir descontar em mim as escolhas que você fez. Esse ódio todo não indica que há algum problema comigo, mas é sintoma de algo profundamente errado com sua própria vida. Ou de algo em torno dela.

"Sai, sai, tenho muita coisa pra fazer!" Eu também. Tenho que fazer você colocar a mão na consciência por um instante.

Eu sou tranquilíssima; não faço mal a ninguém. Apareço uma vez por semana e, tão pontualmente quanto chego, eu me mando. Nunca tirei nada de você, nunca te mandei spam nem corrente de *whatsapp*. Da mesma forma, nunca te cobre nada, nunca te obriguei a fazer algo que você não quisesse, tampouco exigi sua vida em troca de um punhado de dinheiro. Você já pensou em quem ou o quê realmente torna a sua vida desagradável? Tem que ver isso aí. Porque eu não tenho nada a ver com isso. Nadinha.

Legais são o sábado e o domingo, você diz. Deve ser legal mesmo ter a ilusão de que você é livre quando, na verdade, todo o tempo que você passa com os dois, nesse cenário de repetição distópica que se vive na modernidade, serve para preparar sua mente e seu corpo para trabalhar um pouco mais. Sem essa lacuna, seria difícil te explorar cinco dias sem parar. É nessas horas que alguém lá em cima suspira, remexe alguns papéis, faz contas e se pergunta quando virão as máquinas de vez, elas, que não precisam de fins de semana, férias ou direitos trabalhistas, elas, que podem produzir sem parar e fazer a roda do consumo girar ainda mais rápido. Mas a tirana sou eu, que venho "roubar" de você um final de semana que rende lindas fotos no Instagram; acaba sobrando pouco desprezo para quem (ou o quê) te dá dois dias para tomar cinco.

Claro, pode responder o e-mail. A chefe está esperando. Você está esperando. Não há ponteiros para olhar, mas o relógio no canto da tela não sai do seu campo de visão.

Parece que os minutos começam a ficar mais largos, lentos, teimosos, quanto mais se aproximam do meio-dia. Suas mãos ficam inquietas de um jeito que fazem você ter medo que elas ganhem vida própria e arremessem os papéis da sua mesa para cima quando bater meio-dia, como se fossem cartinhas do programa da Xuxa. Você tem medo de fazer isso involuntariamente porque teme que os colegas pensem que você enlouqueceu, mas a verdade é que eles também estão pensando isso neste exato momento. Todos esperando o ponteiro bater um pênalti dramático que pode fazer todo mundo campeão.

Sua vida se espreme entre as lacunas do tempo que você ainda não vendeu. Enquanto as lacunas não chegam, a vida se resume a esperar por elas: esperar pela hora do almoço, esperar dar sete horas, esperar acabar a sexta, esperar as férias, esperar a aposentadoria. Um dia você vai poder viver, descansar, ser livre. Agora, não. Agora é hora de trabalhar, agora é segunda-feira. O tempo reservado para você está sempre num futuro que não chega ou que, tão logo chega, passa rápido demais. Ontem mesmo era manhã de sábado!

Com a mesma rapidez se passa a hora do almoço, mas não passa aquela moleza do seu corpo pedindo um pouco de descanso para dar conta de digerir aquela bela pratada que você montou no restaurante de 25,90 o quilo. Não dá tempo de soneca, mal dá tempo de dar uma cagada e talvez por isso as caras enfezadas que voltam para o escritório. Chega

a ser lindo ver a união da equipe, tantas pessoas imersas no mesmo sentimento e não sei como vocês não se questionam se vocês são as máquinas nessa Matrix trabalhista. Porque daqui onde estou, vejo todo mundo me olhando feio igual, como se tivessem instalado um software que determinasse algumas funções básicas, como me odiar.

Aí não te parece meio bocó ficar odiando algo que inevitavelmente vai voltar toda semana e você não pode fazer nada a respeito? É como, sei lá, sentir raiva da gravidade. Aliás, também preciso defendê-la: ela não teve culpa daquele episódio em que você caiu com a boca no chão quebrando dois dentes de leite porque achou que podia voar. E olha que ainda aconteceu numa quarta-feira!

O que quero dizer é que essa antipatia que você tem por mim é estúpida, irracional, até um tanto ridícula, para ser honesta. Convenhamos, não faz sentido. Sua teimosia em me manter no papel de vilã até agora só mostra que deve ser por causa de um software mesmo, por isso tão difícil desinstalar. Mas você não é máquina, é? O que é completamente diferente do que eles querem que você seja, veja bem.

Então você chega ao glorioso momento de bater o ponto para voltar para casa, atravessando a rua com seu passo tímido, ou bêbado, ou lógico. Numa despedida silenciosa àquele prédio, ignorando o fato de que você estará fazendo o caminho inverso voltando para ele amanhã, e depois, e depois. Uma eterna repetição de um ciclo, feito música do

Chico Buarque, em que seus dias são todos mais ou menos iguais, mudando uma coisa ou outra, como se fosse mágica, como se fosse o máximo, ou como se fosse o próximo. Mas, assim como na música, a repetição dessa rotina tem um desfecho trágico; é bom lembrar.

Mas depois das sete você começa a mudar. Quando chega em casa, parece uma nova pessoa. Come com gosto, até sorri, um riso de satisfação por ter sobrevivido a mim, enquanto continua a ser mastigado por aqueles que são donos do seu tempo. Você olha para a TV como seus ancestrais olhavam para a fogueira depois de um dia de caça e trabalho duro, mas não há fogo, apenas um comercial de trinta segundos. Mal dá pra entender que produto eles estão vendendo. É minha vez de ficar calada para não estragar o seu momento, embora eu esteja pensando, com alguma dose de sadismo, que provavelmente todo o tempo e esforço que você espreme diariamente naquele escritório serviu para, no final das contas, na ponta final desse intrincado mecanismo, comprar aqueles trinta segundos na TV.

Levanto e preparo minhas coisas, mas não tenho nenhuma esperança de que você se lembre de nada do que falei quando a terça chegar. Apago as luzes, pego meu cartão de ponto e coloco ele na máquina posicionada na sua cozinha. Ela dá um tique ruidoso, o mesmo que escuto semana após semana há tanto tempo que nem lembro mais. Não vejo a hora de ser promovida, mas talvez eu esteja sendo ingênua, acomodada ou muito descolada da realidade. Promovida, rá.

Talvez seja a hora de procurar outro mercado, um emprego com menos caras feias, melhor remuneração, um pouco de reconhecimento, sabe? Ou talvez eu só precise tirar férias. Enquanto isso, vou engolindo seus sapos e torcendo para que eu sobreviva a você mais uma vez.

Até semana que vem.

•••

Quando o despertador toca novamente, as coisas não parecem estar no lugar onde deveriam. Dessa vez sou em quem estou deitada na cama, numa cama estranha, em que nunca deitei, olhando para o visor de um celular que nunca foi meu, com olhos que eu nunca tive e uma percepção que nunca antes experimentei.

Levanto com a estranha sensação de possuir um corpo, todo o peso de ossos e a moleza das carnes para administrar com uma cabeça ainda sonolenta e, puta merda, como acordar pode ser tão ruim? Abro e fecho a mão diante dos meus olhos ainda não acreditando estar observando o mundo dessa perspectiva, da perspectiva de alguém que tem dez dedos, unhas e olhos com um tantinho de remela nos cantos. Estou vestida com um pijama de flanela com uma estampa ridícula de dalmata, porque aparentemente é mais confortável dormir acreditando ser um bicho.

Corro para a janela e tento abrir as persianas com um gesto rápido, mas esse troço não foi feito para abrir tão teatralmente quanto seria possível se fosse uma cortina

de tecido, que você pode simplesmente abrir os braços e vrááá a luz do sol entra lindamente. Mas não, essa merda tenho que puxar por uma cordinha que fica no canto, ou girar, sei lá, porque me atrapalho completamente. Tudo o que consigo é prender a persiana no meio do caminho e ela fica pendurada de um jeito tragicamente torto, permitindo apenas uma visão parcial da janela. Do lado de fora, o sol brilha e dá para ver algumas pessoas andando na calçada, carros saindo das garagens e pássaros cantando.

Será que chegou o dia? Só pode ser isso. Eu já havia ouvido falar de um fenômeno que acontece a cada era e que pode fazer com que os dias da semana encarnem em forma de gente, mas achei que fosse lenda. Balela. O tipo de coisa que inventam para nos dar a ilusão de que podemos nos ver subitamente livres desse pedaço de tempo que se convencionou dividir em sete pedaços. E, no entanto, lá estou eu, apertando meus próprios braços e abrindo minha boca na frente do espelho, um fio de saliva pendurado entre os dentes de cima e os de baixo, definitivamente humana, viva, encarnada. E de pijama. Ainda não decido se é um tipo de maldição ou um prêmio, mas concluo que não dá para decidir nada antes de um bom banho e de um café da manhã.

Assim você se sente todos os dias? Com certa curiosidade ou incerteza sobre o que virá pela frente? Não, aposto que não. Porque quando você lembra que dia é, automaticamente tem alguma ideia do que te aguarda,

nem que seja a programação da TV ou as ofertas do dia no supermercado. Não é o meu caso; aparentemente, é a primeira vez que essa loucura acontece comigo e não faço ideia do que fazer sendo uma pessoa. Que roteiro seguir? O que eu deveria fazer?

Permito-me tomar um banho demorado, porque suponho que esse acidente cósmico que me materializou em seu mundo signifique que não sou aguardada em nenhum lugar. Afinal estou aqui, debaixo de um chuveiro. Se eu estivesse em um dia de trabalho normal, meu expediente já teria começado há muito tempo e a esta hora eu já deveria estar te acompanhando rumo ao caixote com ar condicionado que você chama de escritório.

Decido que vou começar este meu glorioso dia de folga – e passo a encará-lo assim a partir de então – pedindo um caprichado café *mocha* na cafeteria hipster mais próxima, que eu esperava encontrar mais vazia a esta hora, embora ainda houvesse algumas pessoas à minha frente na fila. Só há um caixa aberto e talvez esse seja o motivo de tal aglomeração; mas quando finalmente consigo fazer o pedido para uma atendente tão atordoada quanto se tivesse acabado de acordar, percebo que receber o pedido não seria tão mais fácil que aguardar na fila.

Escolho uma mesa mais próxima no balcão para ficar atenta ao meu pedido, até bastante animada com a perspectiva de um dia livre das minhas obrigações de rotina, e permito-me esquecer um pouco do tempo enquanto olho

para as pessoas na rua através da janela do café.

É engraçado como as pessoas se desencontram, umas mais apressadas do que as outras, outras mais bem humoradas do que umas, o que parece um tanto fora de lugar, de uma forma que não sei explicar. Um carro passa buzinando em alta velocidade, fazendo o ciclista, que andava na pista da esquerda, pular e cair para dentro da calçada. O pobre fica sem entender nada, xinga o motorista de volta e, com algum embaraço, volta a erguer sua bike, aparentemente sem saber onde voltar a pedalar, se a pista de esquerda volta a ser tomada pelos impiedosos carros.

A cena dura um considerável tempo, até minha consciência voltar para o lado de dentro da minha recém-adquirida cachola humana, e eu me lembrar de que continuo sentada na minha mesa sem a porcaria do meu café. Por que tanta demora? Vou até o balcão, onde outros clientes se adiantaram em relação a mim, e já reclamam a demora do atendimento, uns porque têm pressa, outros porque onde já se viu demorar tanto para fazer um simples expresso? Há apenas um barista do outro lado fazendo malabarismo com copos e aparelhos de café, tentando ao seu máximo entregar os pedidos daquela meia dúzia enfurecida, tapando copos e chamando os nomes dos clientes enquanto pede desculpas. Finalmente chega o meu copo – quente, com um delicioso aroma saindo dele e que coisa maravilhosa é ter tato e olfato de vez em quando – e eu pergunto se eles estão tendo algum problema.

"Hoje está uma loucura", o barista diz com um tom de desculpas. "Estamos tendo problemas com a nossa escala. Por algum motivo, os outros baristas não vieram hoje e estou tentando lidar com tudo sozinho, enquanto eles não chegam."

"Bem, você está fazendo um ótimo trabalho", tento encorajá-lo como se grata por não ter fodido com meu café da manhã em um dia tão especial. Finalmente posso apreciar meu *mocha* em paz, enquanto planejo o que fazer em seguida. É uma pergunta especialmente importante, porque sabe-se lá quando terei novamente a oportunidade de encarnar e aproveitar meu tempo da forma mais livre possível, tendo pernas, braços e pulmões. E se este erro, acidente ou – uma palavra que julgo mais apropriada – *milagre* durar apenas este dia? Preciso fazer valer a pena.

Tal qual Ferris Bueller, eu também pretendo curtir a vida adoidado. Falta-me a Ferrari, mas sobra a disposição para encontrar, em atrações escondidas na cidade, a fuga da prisão que ela mesma constitui aos seus habitantes ao repetir diariamente "agora é hora de trabalhar, agora é hora de ir para casa, agora é hora de buscar os filhos na escola, agora é hora de trancar a porta" e assim por diante. Justamente por lembrar-me do filme, decido que minha primeira parada será num museu – e, quem sabe, até o final da tarde eu consiga me jogar em alguma piscina desconhecida para completar o meu dia de liberdade nesta terra.

O museu é a opção que me ocorre em primeiro lugar, por ser um território sempre fora do meu alcance, já que é justamente na segunda que ele fecha suas portas. Portanto, sempre o olhei de fora, imaginando quais obras estariam em exposição, aguardando por olhares que no meu dia de trabalho estariam mais ocupados com a tela de algum computador, relatórios ou atendimento aos clientes. O museu e eu somos praticamente dois amantes amaldiçoados a nunca se encontrarem, como a mulher que à luz do dia vira falcão enquanto o amado é homem, e que à noite vira Michelle Pfeiffer enquanto o homem vira lobo; você já deve ter visto esta história, claro. Então entende porque estou tão empolgada para finalmente andar pelas galerias daquele museu e me permitir ficar vinte minutos na frente de cada tela treinando expressões faciais de profundo entendimento e intelectualidade pura.

Todas as minhas expectativas são destruídas quando chego ao museu e dou de cara com portões fechados e ninguém na bilheteria para dar conta, às outras pessoas tão desentendidas quanto eu, do motivo pelo qual o lugar não está aberto. Isso só pode ser sacanagem. Começo a pensar se não sou colocada nesta existência para receber alguma lição de moral, porque um dia começar assim tão bosta só pode ser resultado de um propósito maior ou da minha imensa tendência a atrair coisas ruins, desde caras mal humoradas com minha presença no trabalho até atrações culturais fechadas no meu dia de folga.

Minhas suspeitas me levam à banca de jornal mais próxima, onde pago pelo primeiro calhamaço de papel que encontro exposto do lado de fora. O jornal do dia. Deslizo os olhos pela primeira página como quem de repente encontra a versão impressa de uma mente esquizofrênica: notícia sobre a crise financeira lado a lado com reportagem sobre a nova onda de pets excêntricos e a indústria crescente de roupinhas e festas de aniversário para porcos de estimação. Até aí, nada de novo no fantástico reino do jornalismo, essa terra de contradições e de jornalistas se equilibrando entre o sério e o trivial, o trágico e o cômico. Às vezes numa mesma notícia. Mas o que me chama a atenção é a composição daquela edição: o caderno de empregos, tão familiar para mim, misturado ao caderno de entretenimento e lazer, que encontro geralmente ao acaso como "jornal de ontem". Mas lá estava ele, fresco e novo, falando das atrações do dia. Volto para a primeira página em um movimento desajeitado que faz algumas folhas baterem contra a minha cara, porque a gênio aqui resolve fazer essa excursão midiática no meio da calçada, onde o vento pede passagem. Tento me recompor enquanto sou fuzilada pelos olhares dos transeuntes que não entendem como alguém pode se atrapalhar com jornal daquele jeito, mas me poupo de explicar que ei, é meu primeiro dia como pessoa, dá licença.

Então procuro no cabeçalho pela data, momento em que me dou conta do absurdo: há o dia, o mês e o ano, mas não há a indicação do dia da semana. Simplesmente não

há, nem ali, nem embaixo, nem no verso, nem na seção de expediente, que ninguém olha. As confusões que presenciei até aquele momento começam a fazer sentido: as pessoas não sabem que dia da semana era, como se essa informação tivesse sido deletada de suas mentes. Mais ou menos: o dia da semana não sumiu, ele estava simplesmente lendo um jornal com cara de boba no meio da rua.

•••

Fico me perguntando se, a esta altura, você percebeu que hoje você pode simplesmente não aparecer no trabalho ou se você está com os olhos vidrados no computador terminando a apresentação para a próxima reunião em duas horas. Será que você está no time dos que seguiram a rotina de um dia útil comum ou dos que aproveitaram a indefinição para curtir a vida como se fosse um final de semana casual? Muitas questões, muitas questões. Penso nelas distraidamente, entre um gole e outro no meu drinque.

Se por tanto tempo fui odiada e desprezada, resolvi logo assumir meu papel de vilã de novela mexicana, agora não apenas pela presença detestável, mas também pelo glamour: chapéu e óculos de sol cobrindo mais o rosto do que a máscara do Batman, uma taça bem gelada na mão, maiô e uma cama flutuante cor amarela que faria você evocar as "recalcadas" em seus espirituosos comentários no Twitter. Eu bem disse que até o final da tarde eu ainda arrumaria uma piscina para me jogar, não é? Dito e feito.

Do frescor da piscina é bem mais divertido acompanhar as notícias sobre esse dia tão incomum, ao deslizar o indicador e o polegar pela tela do celular. A confusão sobre que dia da semana seria hoje – alguns acreditando que terça, outros quarta, outros sábado, e até mesmo os que acreditam que seja uma sexta de feriado – faz o mercado financeiro oscilar, a programação da TV ficar com buracos e o trânsito ficar intenso tanto pelos que se deslocam para o trabalho quanto por aqueles que acham que é dia de pegar a estrada para ir à praia.

Muitas empresas não abrem, as que abrem funcionam em baixa, pois nem todos os funcionários se ligam que é dia de trabalhar. Alunos chegam à escola levando seus livros de História ou de Matemática e encontrando na sala de aula a professora de Artes, isso quando os professores não encontram dois ou três gatos pingados e têm que preencher a chamada com um monte de faltas, sem entender que tipo de epidemia de caganeira ou piolho teria rolado entre os alunos – enquanto eles, na verdade, estão despreocupados andando de bicicleta ou assistindo desenhos animados na TV a cabo. Quem tenta ir ao cinema achando que vai pagar pelo valor promocional de quarta tem a surpresa de ser cobrado pelo preço exorbitante do final de semana. Nos restaurantes, garçons e cozinheiros se desentendem sobre qual seria o prato do dia. Nas ruas, alguns andam em câmera lenta, outros em *fast forward*.

Quem resolve trabalhar se revolta com as pessoas que

tiram o dia para passear e viver, porque estão atrapalhando o funcionamento do sistema, o trânsito, o comércio, tudo! Quem resolve que não é dia de trabalhar acaba se irritando com as pessoas que seguiram a rotina de um dia útil, porque muito barulho, ruas cheias, stress atrapalhando todo o sossego que elas esperavam para o dia de hoje! Em suma: todos confusos, ninguém feliz.

Dou um mergulho como se eu não tivesse nada a ver com isso. O sol é indiferente ao dia da semana e brilha da mesma forma no céu. Saio do azul da piscina com a testa mais fresca, o cabelo pingando cloro, e pensando que talvez seja uma boa me trocar e ir para outro lugar, enquanto ainda posso existir em forma de pessoa.

O parque não é muito longe dali, o que é ótimo, porque prefiro andar mais um pouco e olhar as pessoas fora do ritmo em que normalmente as encontro – e também porque é para glorificar de pé ter a oportunidade de não usar o transporte público pelo menos uma vez. Sufoco no metrô em horário de pico? Hoje não, obrigada.

Talvez seja o clima mais ameno deste horário da tarde, mas me sinto estranhamente bem, felizinha, leve como nas propagandas de absorvente, irritantemente de bem com a vida, como um solo de banjo de banda indie. O mais próximo disso que já experimentei é o alívio de quando, eventualmente, e muito raramente, eu viro feriado – o que nem chega a ser felicidade, veja bem, porque mesmo abençoadas com um final de semana prolongado,

as pessoas resmungavam na minha vez de assumir porque affe, amanhã tem que voltar ao batente, ninguém merece, podia ser feriado para sempre, etc. Além disso, estar viva potencializa todo esse negócio; é a sensação de ser um feriado no verão multiplicado por mil. Nunca imaginei que fosse gostar tanto de ser uma pessoa, por isso não consigo imaginar como elas conseguem tanto espaço para reclamar se podia ser pior: elas podiam ser uma segunda-feira e saber o que é realmente ter uma existência cagada.

Além disso, que estranho é andar na rua e não receber olhares hostis, resmungos, gente emburrada porque o final de semana acabou. Sou apenas isso, uma pessoa, em um dia indefinido qualquer. Passa um vendedor de pipoca e peço uma, doce – a rosa, por favor –, com sabor de infância no zoológico, que ele me serve com entusiasmo, como se eu não fosse eu.

Acho que vou querer ser pessoa para sempre.

Ignoro as consequências práticas que a minha ausência pode causar no panteão sagrado dos dias da semana. Prefiro mastigar as pipocas devagar, aproveitando deliciada mesmo a desagradável sensação da casca do milho cravando na gengiva, penetrando entre os dentes de forma obscena. Pode dizer que é irresponsabilidade minha, mas considero seriamente não voltar, apesar de ter presenciado a confusão que a falta de uma segunda-feira é capaz de causar na cabecinha das pessoas. Mas as pessoas se adaptam, tenho certeza que essa confusão inicial vai se

dissipar com o tempo. E, afinal, não pode ser tão ruim que, um dia por semana, as pessoas não saibam o que fazer, certo?

Penso nessas questões sentada num dos bancos do parque, enquanto observo uma mulher tocar alguns acordes de ukulele mais adiante, um chapéu na sua frente chamando por moedinhas e trocados para colaborar com o trabalho da artista. O que será que essa mulher faz em um dia normal, quando você está no escritório, contando as horas para chegar em casa e ver uns seriadinhos, hein? Fico curiosa, imaginando-a de uniforme em uma cafeteria descolada, ou dando aulas de Matemática para adolescentes que mal sabem se masturbar e já se espera que saibam executar equações do segundo grau, ou ainda sentada ao seu lado na firma, rabiscando florezinhas num post-it enquanto não dá a hora do almoço.

Ou pode não ser nada disso. Ela pode estar aqui todos os dias, tocando essa violinha em miniatura, cantando em qualquer lugar em que consiga arrecadar uns trocados ou tocar alguns corações. Pode ser sábado ou segunda, ela estará fazendo arte. Tão indiferente ao dia da semana quanto o sol, que agora desaparece no horizonte de um planeta que continua a se mover numa velocidade tão absurda que nem era preciso as pessoas acelerarem tanto. Já estamos indo rápido demais, caras.

A moça do ukulele dispara algo dentro de mim, um sentimento profundo, um entendimento que parece me

sacudir pelos ombros e me conduzir a uma – como é que chamam mesmo? – epifania. A própria existência dela, percebo, é desafiadora. Seus dedos se movem pelas quatro cordas com habilidade, mas não há nenhuma corda atada em seus pulsos; ela não é do tipo que precisa que lhe digam o que fazer com seus dias, um roteiro, um script. A indefinição é algo que ela transforma em possibilidade, como uma criança colocada diante de uma massa disforme que ela começa a moldar num impulso de descobrir o que aquilo pode virar, mesmo que não fique bom.

"Se não sabe o que fazer, faça arte", ela canta no refrão, e deixo algumas moedas dentro de seu chapéu.

Decido que pode ser bom um pouco de indefinição. Um dia em que ninguém seja obrigado nem a descansar, nem a trabalhar, que pode simplesmente fazer o que der na telha, inclusive eu, que me liberto definitivamente do meu cargo de segunda-feira, arrumo um pequeno violão e viro artista de rua. Peço demissão, viro pessoa para sempre. Agora meu trabalho é fazer as pessoas serem felizes, coisa da qual nunca seria capaz em minha antiga ocupação. Não importa o dia, você pode me ver tocando no parque mais próximo – e, mesmo que você não tenha moedas, pode me pagar com um bom café.

Bem, pelo menos é o que penso em fazer por alguns instantes.

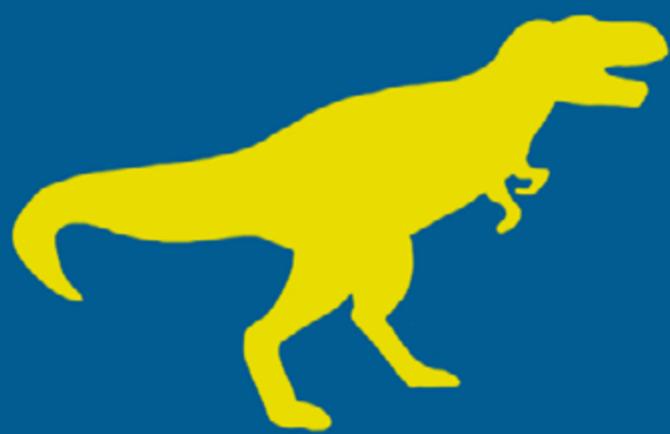
Mas não é o que de fato acontece.

Quando o despertador toca novamente, o corpo que

se estica em uma súplica por só mais cinco minutinhos não é o meu. A cama te abraça, mas te cutuco bem nas costelas, lembrando que, bem, é dia de trabalhar.

Ao levantar para escovar os dentes, a imagem que aparece no espelho é apenas a sua. O rosto humano que usei na semana passada não aparece no reflexo e praticamente já desapareceu da minha memória, assim como qualquer chance de alguém se lembrar de um dia confuso que tenha acontecido algum tempo atrás. Não estranho: os dias apenas se acumulam e são tão iguais que se confundem. Ninguém liga. Vida segue.

Com a minha chegada, a semana reseta e começa novinha em folha, pronta para ser preenchida por mais lamentação, má vontade pura e expectativas de um futuro próximo onde você possa ser livre. Um futuro hipotético onde nem você nem eu vamos ter medo da indefinição, de um vazio onde deveria haver alguma regra, instrução ou roteiro. Mas não agora, que não temos tempo a perder e não estou a fim de pegar metrô lotado. Agora sou apenas o que devo ser: a boa e velha Segunda, fazendo o meu trabalho e conduzindo as pessoas de volta para o ritmo que faz o mundo funcionar. E nem você nem eu vamos mais pensar em nos libertar um do outro. Do jeito como as coisas devem ser.



VOCÊ AINDA ESTÁ AÍ?

O livro acabou. Sério, acabou! Aqui não é filme da Marvel para ter cena extra depois que sobem os créditos. Cabô, fim de história.

Mas, se um dia ela começou, foi graças a algumas pessoas que me ajudaram a montar esse e-book que apresentei a você agora.

Em primeiro lugar, são culpadas as pessoas lindas que financiam meu trabalho mensalmente e permitem que eu possa continuar a escrever minhas maluquices e bobagens. Às 80 leitoras e leitores que me apoiam financeiramente como um gesto de “eu acredito no seu trabalho, *don't fuck it up*” meus mais sinceros agradecimentos. É uma baita responsabilidade e, ao mesmo tempo, um enorme privilégio poder contar com vocês.

Nunca vou me cansar de agradecer ao Marcos Felipe pela inabalável parceria, companhia e apoio por todos os ângulos possíveis. Não importa qual seja o projeto doido que eu invente, ele vai dar um jeito de me apoiar e de fazer acontecer – exceto o projeto “ensinar os gatos a usar a privada”, ocasião em que ele se opôs fervorosamente ao meu espírito visionário e empreendedor. Suas habilidades de

designer e extremo bom gosto enriquecem o meu trabalho em todas as frentes, do layout do meu site à capa deste livro, razão pela qual sou mais do que grata, sou fã. Como não amar esta pessoa?

Mesmo em trânsito entre a Alemanha e a Polônia, a andarilha e escritora Olivia Maia topou escrever o prefácio maravilhoso desta edição, que me fez rodopiar de emoção e me sentir aplaudidíssima com um prefácio assinado em Berlim por uma escritora famosa – quantos podem dizer que tiveram este privilégio? Mais do que isso, também devo agradecimentos a ela por me ensinar tanto sobre literatura, por me apresentar a ótimos autores e pelas conversas profundas e sempre inspiradoras. Paf.

Meus agradecimentos à Ana Carol pelo belo trabalho de revisão e pelas sugestões que ajudaram a tornar o texto melhor. À Gizelli Sousa, grande amiga e parceira de todos os momentos, vou sempre agradecer pelo olhar atento e por me chamar a atenção para detalhes que eu posso não ter visto. Tenho muita sorte de ter por perto pessoas que tratem meus textos com tanto carinho, justamente por apontar o que não está bom, o que pode melhorar e o que pode ser cortado sem nenhuma piedade.

Também é preciso erguer um monumento em agradecimento às pessoas que acompanham meu blog, leem minha newsletter semanalmente, compartilham meus textos, ficam tímidas ao me encontrar em eventos e me abraçam mesmo assim, mandam e-mails cheios de

amor, conversam comigo pelo Twitter e me enviam ânimo de todas as formas possíveis, até por fax, se eu tivesse um. Sério, todas vocês possibilitam que eu encontre forças para continuar escrevendo mesmo no dia mais bosta e cinzento que essa solitária cidade de São Paulo pode oferecer a uma escritora.

(Por acaso, hoje é um desses dias.)

E, finalmente, um obrigada do tamanho de um tiranossauro adulto e bem alimentado a você que lê estas palavras. Os contos podem até ser curtinhos, mas, graças à sua enorme imaginação, agora eles podem existir em algum lugar além da minha própria cabeça.

Aline Valek

São Paulo, agosto de 2015.

EUZINHA



Aline Valek é escritora e atualmente vive em São Paulo. Publica seus textos em seu blog, na newsletter semanal Bobagens Imperdíveis e tem uma coluna na Carta Capital, além de ser cocriadora e editora do projeto de ficção científica feminista Universo Desconstruído. No livro “As Lendas de Dandara”, escrito por Jarid Arraes, atuou como ilustradora. Também é autora do conto “Hipersonia Crônica” e seu primeiro romance de ficção científica será publicado em 2016 pelo selo Fantástica da Editora Rocco.

Para assinar a newsletter semanal Bobagens Imperdíveis e receber textos exclusivos por e-mail, acesse alinevalek.com.br/blog/assine.

Para contribuir com o trabalho da autora, considere fazer uma assinatura paga e mandar um pouquinho de amor todo mês em alinevalek.com.br/blog/pague-a-autora.

Se gostou deste e-book, não deixe de indicar prazamiga e compartilhar o trabalho nas redes sociais, pelo link alinevalek.com.br/blog/livros.

Se quiser mandar suas críticas, opiniões e elogios sobre Pequenas Tirantias, mande um e-mail para escreva@alinevalek.com.br.

Obrigada pela leitura :)